



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E
LINGUAGENS - PPGCEL

ZENILDA PEREIRA FERNANDES AMORIM

**LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA - entre pomares e cachoeiras
(história do nome do município - motivação toponímica)**

VITÓRIA DA CONQUISTA
2022

ZENILDA PEREIRA FERNANDES AMORIM

**LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA - entre pomares e cachoeiras
(história do nome do município - motivação toponímica)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito final para à obtenção de grau de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Santos Campos.

VITÓRIA DA CONQUISTA

2022

*Aos meus familiares, que tanto amo e valorizo!
Que Deus abençoe cada um(a) de vocês,
sempre!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por iluminar e abençoar a minha caminhada e fortalecer-me diante dos desafios. Que cada respiro meu seja um cântico de louvor a Ti, meu Deus!

Ao professor Dr. Lucas Campos, que confiou em mim e me aceitou como sua aluna. Ser sua orientanda foi uma experiência sensacional. Gratidão por toda dedicação, paciência, sabedoria, compreensão e, acima de tudo, exigência. É, com certeza, um exemplo de ser humano, que levarei sempre comigo com grande carinho e respeito.

Às minhas amadas filhas, Gabriella e Fernanda, ao meu querido esposo, Edson e aos meus amabilíssimos pais e irmãos, a minha eterna gratidão.

Enfim, a todos colegas e amigos, meu muito obrigada por dividir comigo os desafios dessa jornada.

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.”

(Provérbios 16:3)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma interpretação do processo de fixação do nome do município “Livramento de Nossa Senhora”, situado na região Sudoeste do estado da Bahia. Dois fatores motivaram sua realização: (1) o fato de, na cultura oral da cidade, existirem designações que causam questionamentos quanto à sua origem e veracidade e (2) a necessidade de enriquecer as fontes de informações sobre a história da denominação da localidade. Assim, com este trabalho, espera-se ampliar o acervo histórico do município, no que tange a informações sobre seu topônimo, bem como sobre fatos históricos que possam interessar sua comunidade e, também, a pesquisadores de diversos campos do saber, sobretudo dos saberes históricos e linguísticos. O referencial teórico está calcado em estudos sobre o processo de mudança linguística e sobre estudos do campo lexical, mais precisamente da onomástica, segmento que conta com escopo para abordagens voltadas para a toponímia, ou seja, para estudos voltados para levantamento histórico de nomes de localidades. A fim de que se possa melhor interpretar a história do município em evidência, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental, a fim de reunir e organizar dados que possibilitaram (re)descobrir e (re)interpretar motivações que possam ter dado ensejo à escolha do nome do topônimo. Espera-se que as informações aqui veiculadas possam ser de utilidade para seus munícipes e visitantes, assim como para estudantes de todos os níveis educacionais, bem como para qualquer pessoa interessada no assunto, visto que o conhecimento favorece o ser humano, alimentando seu senso crítico e auxiliando-o no reconhecimento de singularidades que, na sua essência são tão relevantes quanto a pluralidade cultural.

Palavras-chave: colonização; toponímia; aspecto sócio-histórico

ABSTRACT

The goal of this work is to present an interpretation of the process behind the name of the municipality "Livramento de Nossa Senhora", located in the Southwest region of the Brazilian state of Bahia. Two factors motivated its realization: (1) the fact that, in the oral culture of the studied town, there are designations that raise questions about their origin and veracity; and (2) the need to enrich the sources of information concerning the history of its denomination. Therefore, with this work, it is expected to expand the historical collection of the municipality, with regards to information about its toponym, as well as about historical facts that may interest its community and, also, researchers from different fields of knowledge, especially regarding historical and linguistic aspects. The theoretical framework is based on studies on the process of linguistic change, as well as on studies of the lexical field, more precisely of onomastics, a segment that has scope for approaches focused on toponymy, that is, for studies focused on the historical survey of names of localities, such as municipalities. To better interpret the history of the studied town, a bibliographic and documentary survey was carried out, as to gather and organize data that made it possible to (re)discover and (re)interpret motivations that may have impacted on the choice of the toponym name. It is hoped that the information provided here can be useful to its citizens and visitors, to students of all educational levels, as well as to anyone interested in the subject, since knowledge favors human beings, feeding their critical sense. Moreover, it is expected to help the reader recognize singularities that, in essence, are as relevant as cultural plurality.

Keywords: colonization; toponymy; socio-history

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Onomástica e suas características centrais.....p. 21

Figura 2: Campos de estudo das palavras e nomenclaturasp. 23

Figura 3: Características principais da Toponímia.....p.24

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	5
<u>1. METODOLOGIA</u>	9
<u>2. REFERENCIAL TEÓRICO</u>	12
<u>2.1 O signo linguístico e a nomeação de localidades</u>	12
<u>2.2 A toponímia e sua relação entre cultura e identidade</u>	18
<u>3. ENCONTROS E TRADIÇÕES NO CENÁRIO DE POVOAMENTO</u>	21
<u>3.1 Cenário do povoamento</u>	25
<u>3.2 Oásis da natureza</u>	27
<u>4. BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO</u>	29
<u>5. A CONSTRUÇÃO TOPONÍMICA NA CIDADE DE LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA</u>	34
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	41
<u>REFERÊNCIAS</u>	43
<u>ANEXO ÚNICO</u>	46

INTRODUÇÃO

A prática de dar nomes a localidades é uma necessidade e um costume tipicamente humano – tal processo revela traços marcantes da(s) cultura(s) local(is). A análise dos nomes dados às diversas localidades nos oportunizam desvendar dados culturais, ao lado de fatores influenciadores e condicionantes dos mais diversos nomes de localidades ao redor do mundo.

Desse modo, os lugares recebem dada denominação, cuja escolha está condicionada por diversas razões, as quais suscitam curiosidades geográficas, históricas, filológicas, linguísticas etc. No campo das ciências da linguagem, contamos com um segmento de estudos, ligados ao léxico, a lexicologia e, no âmbito desta, nos embasamos na “onomástica”, ramo que nos oferece respaldo teórico-metodológico para o estudo histórico de nomes de pessoas, “antroponímia”, e de lugares, “toponímia”.

Tendo em vista a natureza antro-po-cultural deste estudo, buscamos elucidar uma motivação toponímica, qual seja, realizar um levantamento dos nomes recebidos pela localidade que, atualmente, é conhecida como “Livramento de Nossa Senhora”, evidenciando, assim, valores históricos e culturais, muitas vezes, desconhecidos até mesmo por alguns dos seus munícipes mais incautos.

Acreditamos que este trabalho dissertativo venha a servir, ao mesmo tempo, como um registro histórico, com a finalidade de resgate e preservação da cultura e da memória municipal, de registro da memória religiosa, tendo em vista a atual denominação da localidade, além de ser atravessado pelos traços da variedade dialetal do município, pela promoção de registro linguístico das denominações anteriores.

Trata-se de um trabalho relativamente inédito, pois não encontramos, até então, nos domínios do município, registros de pesquisas anteriores seguindo essa linha de abordagem. Desse modo, esperamos que o trabalho venha a servir de base para estudos, pesquisas e levantamentos sobre a história da cidade e, sobretudo, das suas denominações.

Lançamos mão de informações de diversas fontes que nos proporcionaram revelações sobre a origem da cidade, visto que a onomástica e, particularmente, a toponímia, de acordo com Dick (1980, p. 36), é “[...] um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”.

Nesse sentido, entre outros documentos, exploramos relatos, contidos nas obras: *Bandeiras e Sertanistas Baianos* (1935), do autor Urbino Vianna; *Livramento é de Nossa Senhora* (1996), autoria de Raimundo Marinho dos Santos e Eduardo Lessa Guimarães, ambos naturais da cidade em foco; *História Territorial do Brasil* (1998[1906]), do autor

Felisbello Freire e Topônimos no Sul da Bahia (2020), autoria de Harmensz Van Rin Moraes de Assis, dentre outras obras. Por ocasião das comemorações do centenário da cidade de Livramento de Nossa Senhora (1921-2021), dentre muitos atos simbólicos realizados nessa data, que marcou a independência política/administrativa do município, aconteceu, no pátio do Colégio Estadual João Vilas Boas, no dia 02 de outubro de 2021, um evento com as participações de diversas personalidades da cidade, inclusive os autores do livro “Livramento é de Nossa Senhora”, Raimundo Marinho e Eduardo Lessa, havendo, assim, a oportunidade para angariarmos informações orais, que serão descritas ao longo do trabalho.

Dito isso, o questionamento principal que nos inquietou e levou-nos a realizar a pesquisa aqui publicizada foi: Quais as motivações implicaram a escolha pelo topônimo “Livramento de Nossa Senhora” para a pequena cidade do interior da Bahia em questão? Houve, em algum nível, influência(s) de questões políticas, religiosas, geográficas ou, ainda, metalinguísticas quando da eleição do topônimo em análise?

Destrinchamos, portanto, esse questionamento em duas perguntas específicas, para que pudéssemos ter uma melhor dinâmica, com vistas a respondê-la mais adequada e fidedignamente:

- Levando-se em consideração as fortes influências do cristianismo no processo de colonização do Brasil, é possível identificar traços desse aspecto na escolha do topônimo da cidade em análise?
- O que motivou, na esfera política, a seleção de “Livramento de Nossa Senhora” para se designar à cidade analisada? Houve outras propostas? Quais e por que não se sustentaram?

Sendo assim, com base em documentos antigos e atuais, tais como biografias, livros com narrativas de fatos locais, artigos, reportagens etc., o objetivo principal que norteou a realização da pesquisa foi de melhor compreendermos as motivações que implicaram a escolha pelo topônimo “Livramento de Nossa Senhora”.

A fim de nos alcançarmos esse objetivo, o organizamos em dois objetivos específicos, os quais se seguem:

- i) Compreendermos as influências do aspecto religioso na constituição da cidade em questão, mormente para a escolha do topônimo que lhe identifica; e
- ii) Analisar, por meio de documentos históricos, as motivações políticas e geográficas para a instituição da cidade de Livramento de Nossa Senhora e, em que medida, isso teve

impacto na nomeação do município.

Para melhor organizarmos nossos argumentos, construímos a dissertação em cinco capítulos, sendo eles: I) Metodologia; II) Referencial Teórico; III) Encontros e tradições no cenário de povoamento; IV) Breve Histórico Do Município; e V) A Construção Toponímica na Cidade de Livramento de Nossa Senhora.

Dito isso, no primeiro capítulo, denominado “Metodologia”, está descrito o percurso do trabalho de investigação, o que inclui o levantamento e curadoria de dados, além da descrição do método, abordagem, técnicas e procedimentos empregados para a aplicação e execução da pesquisa.

Já no segundo capítulo, intitulado “Referencial Teórico”, o qual está organizado em duas subseções (“O signo linguístico, e a nomeação de localidades” e “Toponímia: a relação entre cultura e identidade”), tecemos algumas considerações pertinentes acerca da importância do resgate e conhecimento da história e memória dos antigos habitantes de dada localidade. Tratamos, ainda, dos aspectos históricos, sociopolíticos e culturais que permeiam a escolha pelo topônimo em estudo.

No capítulo seguinte, chamado de “Encontros e tradições no cenário de povoamento”, veiculamos informações sobre os primeiros habitantes da localidade em estudo, além de dados sobre a localização do município. O Capítulo conta com duas subseções, denominadas “Cenário do povoamento” e “Oásis da Natureza”, nas quais discutimos alguns dados concernentes à questão geográfica e geológica (tais como: montanhas, rios, cachoeiras etc.) e seu impacto na economia, cultura e organização da cidade. Ademais, tratamos de aspectos históricos ligados à mineração de metais valiosos, bastante presente no passado do município.

Seguimos o estudo com o quatro capítulo “Breve Histórico Do Município”, onde consta uma sucinta narrativa da saga migratória, desde o período colonial, perpassando pelas rotas expedicionárias, desbravamentos, descobertas, até o bandeirantismo, dentre outras narrativas.

Em “A Construção Toponímica na Cidade de Livramento de Nossa Senhora”, que marca o último capítulo, trazemos uma discussão linguística, política e étnica acerca da formação e relação dos designativos toponímicos da população nas diferentes fases da ocupação. Em seguida, tecemos algumas palavras em “Conclusões Finais”, a fim de enlaçarmos alguns pontos importantes e centrais da pesquisa.

A seguir, exploramos os caminhos metodológicos da pesquisa, demonstrando as razões que guiaram nossas escolhas rumo à realização do estudo aqui publicizado.

1. METODOLOGIA

Como já explicitamos na Introdução, esta dissertação é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo analisar a dinâmica e as motivações toponímicas da cidade de Livramento de Nossa Senhora-Bahia. Dito isso, descrevemos, nesta seção, os procedimentos metodológicos adotados para realização e coleta de dados para esse estudo, com o afã de alcançar tal objetivo.

Para a realização desse estudo, portanto, seguimos o percurso metodológico apresentado por Dick (1980), sustentados no plano onomasiológico de investigação, pois, segundo o autor (2006, p. 100 e 101) essa abordagem envolve, sistematicamente, os seguintes pontos:

- (a) formulação da hipótese de trabalho, ou de uma proposição de estudos, cuja finalidade perseguida é verificar as possibilidades de realização do tema escolhido, já enunciando as etapas admissíveis para esse exame;
- (b) delimitação da área básica de estudos (nível da Toponímia) ou do objeto da investigação (nível da onomástica), detalhamento temático, em extensão areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador, finalidade da demanda, vinculação a um projeto de pesquisa; areal (nível quantitativo) ou em profundidade (nível qualitativo), de acordo com a disponibilidade do pesquisador, finalidade da demanda, vinculação a um projeto de pesquisa;
- (c) tratamento dos dados ou do corpus;
- (d) conclusão e bibliografia utilizada e de suporte.

Fundamentamos a investigação em critérios cujos resultados fossem fidedignos e válidos, pois o estudo toponímico traz consigo uma importância cultural-histórica dentro do cenário social, revelando costumes e hábitos singulares na ocupação de um determinado espaço físico. Dessa forma, de acordo com o que postula Taylor (1990, p. 71), a pesquisa baseada nessa abordagem deve “[...] prover uma coerente, inteligível, e ao mesmo tempo honesta resposta” à qual ela propõe-se. No caso do nosso estudo, isso significa explicitar importantes ferramentas para a identificação de fatores culturais e históricos desses grupos étnicos abordados.

Uma vez capturado, um *corpus* toponímico abrange respostas para perguntas de diversas segmentos – tais como “o quê”, “quando”, “quem”, “por quê”, dentre outros (DICK 2006, p. 65), daí a importância do estudo da toponímia atravessado pelo caráter pluridisciplinar, o que pode nos (re/des)velar características e tendências etnolinguísticas e semânticas de ordem física e sociocultural, além de políticas, religiosas e culturais.

Começamos a pesquisa com uma análise inicial, para que pudéssemos realizar o

levantamento, curadoria e aquisição de dados. Assim, enquanto acervo bibliográfico elegido para a realização do estudo, podemos citar: livros, artigos científicos, literaturas afins, documentos locais e gerais, bem como órgãos oficiais, tais como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Já para a descrição e a análise destes dados, tomamos como base os decretos-lei e documentos oficiais, mapas e obras lexicográficas e enciclopédicas, de modo que pudessem subsidiar a pesquisa.

Para a seleção desses materiais, foram visitados arquivos municipais, bibliotecas escolares (como a do Colégio Estadual João Vilas Boas-Livramento de Nossa Senhora e da Escola Municipal Fernando Ledo Santos Pereira), além do Arquivo Municipal das cidades de Livramento de Nossa Senhora e de Rio de Contas e a aquisição de livros em estantes virtuais, *sites* especializados, arquivos pessoais e familiares de moradores da cidade em questão. Para tanto, colhemos algumas informações, por meio de conversas informais e relatos orais em palestras.

Uma vez selecionados e angariados os dados necessários para a análise, optamos por nos fundamentar na abordagem qualitativa (DUARTE,2002). Assim, realizamos uma análise descritiva e explicativa, com o uso e apropriações da triangulação de dados como estratégia metodológica, visto que ela constitui uma importante ferramenta de análise, nos possibilitando melhor perspectiva e (res)significação do *corpus*.

Utilizamos-nos do acervo documental, com base nas obras estudadas, nas quais se encontram documentos antigos e dados mais atuais, bem como das narrativas desses fatos locais, dentre outros, que foram relevantes para obtermos um conhecimento mais fidedigno dos acontecimentos.

No que tange à modalidade da pesquisa escolhida para esse estudo, situados no campo de estudos da Linguística Aplicada, elegemos a pesquisa qualitativa como abordagem, uma vez que ela é “[...] um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos” (MORESI, 2003, p. 8).

Dessarte, a fim de respondermos às questões elencadas na Introdução, analisamos os dados colhidos com base nos preceitos dos estudos em Lexicologia, Onomástica e Toponímia, haja vista que esses campos de estudos...

Essas técnicas de coleta de dados, aliadas ao trabalho com as fontes das informações, viabilizaram a pesquisa do processo da construção toponímica da cidade em estudo. Nesse sentido, o processo interpretativo é de suma importância – uma vez que a retórica

enviesas/guia a percepção da realidade – no processo de curadoria das informações levantadas, valorizando, assim, cada etapa e ajustando, de forma adequada e precisa, a interpretação dos dados, nos permitindo, por fim, chegar a conclusões mais próximas aos acontecimentos históricos.

Dito isso, adotamos as seguintes etapas por entendermos que, assim, o estudo ficaria mais bem organizado e estruturado:

PRIMEIRO PROCESSO INTERPRETATIVO
(valorização fenomênica e técnica das informações coletadas)

1ª Etapa: transcrição dos dados levantados.

2ª Etapa: avaliação dos dados (pré -análise).

3ª Etapa: elaboração de categorias de análise.

SEGUNDO PROCESSO INTERPRETATIVO
(análise contextualizada e triangulada dos dados)

1ª Etapa: leitura aprofundada do material selecionado.

2ª Etapa: investigação ancorada no diálogo com autores.

3ª Etapa: análise da conjuntura mais ampla (macro análise).

TERCEIRO PROCESSO INTERPRETATIVO
(construção-síntese)

Etapa única: diálogo entre dados empíricos, autores que tratam da temática e análise de conjuntura

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo da Linguística, ciência(s) de estudos da(s) teoria(s) da(s) língua(s) e linguagem(ns) humana(s), buscamos, neste capítulo, com base na Onomástica, subárea dos estudos linguísticos, abordar o signo toponímico “Livramento de Nossa Senhora”, a fim de elucidarmos o sistema denominativo, correlacionando-o com dados geográficos e histórico-culturais da cidade que leva esse nome, a qual fica localizada na região Sudoeste do Estado da Bahia.

2.1 O signo linguístico e a nomeação de localidades

Uma língua é resultado da capacidade humana de produzir signos e arranjá-los em sistemas e, por isso, não pode ser confundida com o conceito de idioma histórico-geográfico (português, inglês, francês etc.), o qual, por si só, comporta contradições e imposições geopolíticas e, até mesmo, apagamentos étnicos e sociais ou mesmo raciais

É, portanto, uma particularização dessa capacidade da espécie humana para o campo da produção social, constituindo, assim, o objeto da linguística. A “língua” se define pela oposição ao conceito de “fala”. Desse modo, ao lado de uma abrangência que envolve a língua, temos, como contrapartida, a execução da fala, conceito que se restringe ao âmbito do falante e de suas capacidades psicomotoras (SAUSSURE, 1972).

Dentro da análise da linguística estruturalista, o signo linguístico é elemento indivisível, composto por significado ou conceito e o significante ou a forma linguística na sua realização fonética ou gráfica (SAUSSURE, 1972). A arbitrariedade do signo linguístico dá-se devido a não pretensão em assemelhar-se ao seu referente.

Segundo ainda Saussure (1972), o signo linguístico não é uma coisa nem uma palavra, mas sim um conceito que reúne um sentido a uma imagem.

Com destaque a essa importante questão, apresentamos aqui as principais distinções entre língua e fala. Observemos:

Língua - Fala

Social - Individual

Homogênea - Heterogênea

Sistemática - Assistemática

Constante - Variável

Ao analisar o signo toponímico, deve dar uma atenção especial, dentre outros, aos dados históricos, pois tais informações apontam para um aspecto particular deste, revelando aspectos religiosos, políticos, sociais, culturais e linguísticos.

Em um signo linguístico, nos casos dos topônimos, entre o significante e o significado, talvez possa até haver algum tipo de vínculo natural, mas o nome escolhido teve sempre um motivo especial. No momento da nomeação, o falante tinha livre escolha e, por trás dessa escolha, não havia nenhuma convenção, mas levantamos hipótese de que esse signo possa revelar a história da vida de uma comunidade, revelando também valores, crenças e apropriação de um grupo sócio-linguístico-cultural.

Segundo Isquierdo (1995) o:

O signo toponímico apresenta, por conseguinte, determinadas especificidades que precisam ser consideradas. Primeiramente, trata-se de nomes próprios cuja função específica é a de identificar e não de significar. Entretanto, na situação específica do topônimo, além dele determinar a identidade de lugares, a análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sócio-cultural de uma região. Desta forma, o papel do signo toponímico ultrapassa o nível apenas da identificação, servindo, pois, de referência para o entendimento de aspectos da realidade(ISQUERDO,1995, P.104-110)

Para entender o uso do signo linguístico é preciso entender a relação homem-mundo e é dentro dessa relação que se estabelece o significado e o significante, atribuindo assim sentidos que ora podem ser arbitrários, ora motivados.

Nos signos toponímicos essa busca pelo entendimento da significação e da representação, as questões vão muito além, pois esses signos necessitam da análise dos aspectos físicos e/ou antroponímicos contidos no ato da denominação.

A capacidade linguística para nomear os lugares traz à mostra a subjetividade, dessa forma, permite compreender como a língua acontece no homem e revela a existência de distintas formas de pensar a realidade expressa pelas palavras, pois, mesmo nos parecendo familiar, a língua carrega sentidos que podem nos escapar.

Isquierdo (1995), destaca no signo toponímico algumas especificidades:

[...] cuja análise de sua estrutura pode fornecer elementos para esclarecer muitos aspectos referentes à história política, econômica e sociocultural de uma região [...]. Em segundo lugar, é preciso atentar para o fato de que toda nomeação, normalmente, é estimulada (ou até mesmo condicionada) por fatores inerentes à realidade circundante do denominador (ISQUERDO, 1995,p.31,32)

Dick (1999),destaca que o topônimo é estruturado em:

[...] uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em

questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo(DICK, 1999,p.18).

Remontando um breve contexto histórico, com ênfase na situação do contato linguístico e na constituição da realidade sócio-histórica do português brasileiro, com base em Fernandes (2018), ressaltamos as tendências estruturais dessas formações. Os troncos linguísticos no território brasileiro, antes do período da colonização, eram dois: o macro-jê e o macro-tupi, sendo que as tribos que moravam no litoral eram da nação tupi e, por conseguinte, tinham, como tronco linguístico, o macro-tupi (FERNANDES, 2018).

Fernandes indica que “tupi” significa “povo”, “vários povos”, “tribos com cultura” e “crenças em comum”. Esses povos eram divididos em agremiações, como se seguem:

Tupinambás - significa “descendentes”;

Tamoios - significa “povo antigo”;

Tupiniquins- significa “o lado vizinho”;

Potiguar- significa “comedor de camarão”.

Além disso, havia os coitéis e guaranis, assim como outros povos advindos dessa nação.

Em 1500, os portugueses tiveram o primeiro contato com os tupinambás, na Bahia, e, em São Paulo, com os tupiniquins. Assim, aprender a se comunicar e se relacionar com esses povos era de grande importância, tanto para o comércio básico como para a própria convivência, sobrevivência e manutenção desse relacionamento interétnico.

Entretanto, em certo momento da colonização, essa aprendizagem deixou de ser uma questão de sobrevivência e passa ser uma questão de domínio. Aprender a língua dos índios facilitou, portanto, a sua dominação. A maioria desses portugueses eram homens, e eles, que vieram sozinhos, se relacionavam com as índias e, desses relacionamentos, por vezes, não consensuais, vieram filhos, os quais tinham contato com a língua do pai, a língua portuguesa, e com a língua da mãe, que era tupi, o que, a princípio, criou falantes bilíngues. Acrescentando, ainda, a esse contato linguístico, havia os padres jesuítas que tinham o propósito de catequizar os índios. Esses religiosos tiveram interesse em aprender a língua desses nativos para terem maior êxito no processo de catequização, além de facilitar essa interação entre eles, no que tangia à questão da ajuda na orientação geográfica-territorial.

As singularidades dessas línguas, advindas do mesmo tronco linguístico, eram diferenciadas pelas particularidades de cada povo indígena. Depois do contato com os portugueses e dos jesuítas, o tupi modificou-se e tornou-se dois: o tupi antigo, falado antes da chegada dos portugueses ao Brasil e o novo tupi, que se tornou a “língua geral”.

Essa nova variedade da língua tupi, ou seja, a língua geral, foi essencial para facilitar a interação dos portugueses e dos bandeirantes, visto que muitos destes não dominavam as línguas indígenas.

A partir daí, devido às suas variedades populares, a língua geral começou a sofrer influências regionais, o que levou a divisões da língua geral, originando essas subdivisões: meridional: a língua geral paulista; setentrional, falada em outra parte do Sudeste e numa parte do Nordeste, levada pelos bandeirantes.

Quando essa língua geral foi levada para o Norte do Brasil, ela se tornou o *nheengatu* e ganhou grandes proporções, tornando-se a língua mais falada dentro da colônia. Com a retirada dos jesuítas da colônia, contudo, a língua geral meridional, ou língua geral paulista, enfraqueceu-se. O *nheengatu*, variedade mais falada na época, também entrou em declínio, mas conseguiu deixar seu legado nos topônimos deixados pelos indígenas.

O tupi antigo foi gramaticalizado pelo Padre José de Anchieta, no século XVIII. Diante desse cenário, Anchieta lançou o livro contendo a gramática da língua do antigo tupi, intitulado “A arte da gramática da língua mais falada na costa do Brasil”. Essa obra é muito importante para o conhecimento dessa língua, pois, depois do contato com os portugueses, com jesuítas e com os bandeirantes, essa língua sofreu influências locais e, diante da complexidade e maleabilidade sofridas, suas principais características foram se perdendo. Sobre isso, Sampaio (2000, p. 12) salienta que:

[...] as grandes aldeias dos Tupiniquins ao se tornar presas fáceis da conquista lusitana, iniciada por métodos “pacíficos” e completada militarmente quando já não era possível a resistência. Neste processo, as grandes concentrações indígenas - intensificadas pelo trabalho catequético dos jesuítas - foram amplamente dizimadas pelas epidemias europeias, rapidamente alastradas, de modo tal que, ao se encerrar o século XVI, praticamente não havia Tupiniquins livres na atual costa baiana.

Diante desse cenário de ampliação da língua geral brasileira, foi publicado, em 1758, por Dom José I, com a ajuda do Marquês de Pombal, “O Diretório dos Índios”. Nesse documento, estavam contidas algumas diretrizes. Dentre elas, podemos destacar: a) a proibição dos índios de falar sua própria língua; b) todas as tribos indígenas foram elevadas a categoria de vila; c) colocar um sobrenome português nos nomes próprios dos índios; dentre

outras atribuições. Tal cenário marcou a tentativa de “civilizar” os indígenas, que eram tidos como selvagens e não produtores de cultura, resultando, assim, num cenário desrespeitoso e abusivo para com as populações nativas.

A língua portuguesa avançou ultramar e se fez presente em várias regiões, sofrendo influências locais que, até hoje, estão presentes na língua. Ela trouxe algo e recebeu algo, ou seja, houve fortes trocas (d)e influências. A língua portuguesa brasileira tornou-se mais complexa e maleável, haja vista que nenhuma língua é estática (MARCUSCHI, 2004), recebendo contribuições e mexendo com a história e com a cultura de um povo e de povos (e grupos de povos) em contato.

Sob o prisma da Historiografia Linguística, buscamos compreender os processos pelos quais a língua é submetida, e a noção de signo, proposta por Saussure (1972, p.80), colabora nesse processo de apreensão, pois, como unidade mínima do sistema linguístico, a língua é definida pela associação da imagem acústica (o significante) com um conceito (o significado), tomados como representações mentais, unidos em nosso cérebro pelo vínculo de associação.

Dito isso, é possível afirmar que o signo linguístico une não uma “coisa” e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica, como já mencionamos. Entretanto, esse não é o som material/físico ao qual estamos familiarizados, mas a impressão psíquica desse som. Em outras palavras, trata-se da representação internalizada, seja ela sonora ou visual, de uma ideia e, por conseguinte, do que entendemos como “realidade”. De acordo com Saussure, portanto, o laço que une o significante ao significado é arbitrário, uma vez que a ideia de “MAR” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons /maR/ ou à representação gráfica M-A-R, que lhe serve de significante. Tanto é que, em cada língua, há formas diversas de se representar esse mesmo objeto/conteúdo natural. Outro exemplo intrigante é a falta de um vocábulo para algo que existe no mundo real ou abstrato, o que ocorre em certas línguas, mas, em outras, por vezes, há termos para esses fenômenos, objetos, situações etc.

Contudo, ao contrário do que postula o pai da linguística moderna, os símbolos têm como característica não serem completamente arbitrários, uma vez, em alguns casos, não estão “soltos”, remetendo-se a um vínculo real (que pode ser, também, uma criação do imaginário popular). O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um revólver, por exemplo. Em outras palavras, alguns símbolos, verbais ou imagéticos (pictogramas, ideogramas, hieróglifos etc.) necessitam de uma referência no mundo sensível (ou, ainda, abstrato) para existirem. No caso das palavras oralizadas, “chiado”

e “xixi” aludem à vibração sibilante provocada seja pela frequência de um rádio, seja pelo barulho causados pelas gotas de água em volume razoável (outros casos são: bomba, baque, bem-te-vi etc.). No inglês, por exemplo, palavras como “*pee*”, “*poop*”, “*piss*”, “*wow*” e “*awe*”, também, fazem referência à memória sonora presente no mundo real. Finalmente, na LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), o fenômeno mimético se intensifica, visto que ela se trata de uma língua viso-espacial e tridimensional, marcada pela presença de sinais, cujas características, maioritariamente, revelam sua origem em situações, objetos, pessoas etc., tornado, assim, esses signos em não arbitrários.

O princípio da arbitrariedade é contrariado, por exemplo, quando falamos do processo de criação dos signos das onomatopeias e das interjeições, mas são de importância secundária e sua origem é, em parte, contestável. Se, com a relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, no que respeita à comunidade linguística que o emprega, não é livre, é imposto.

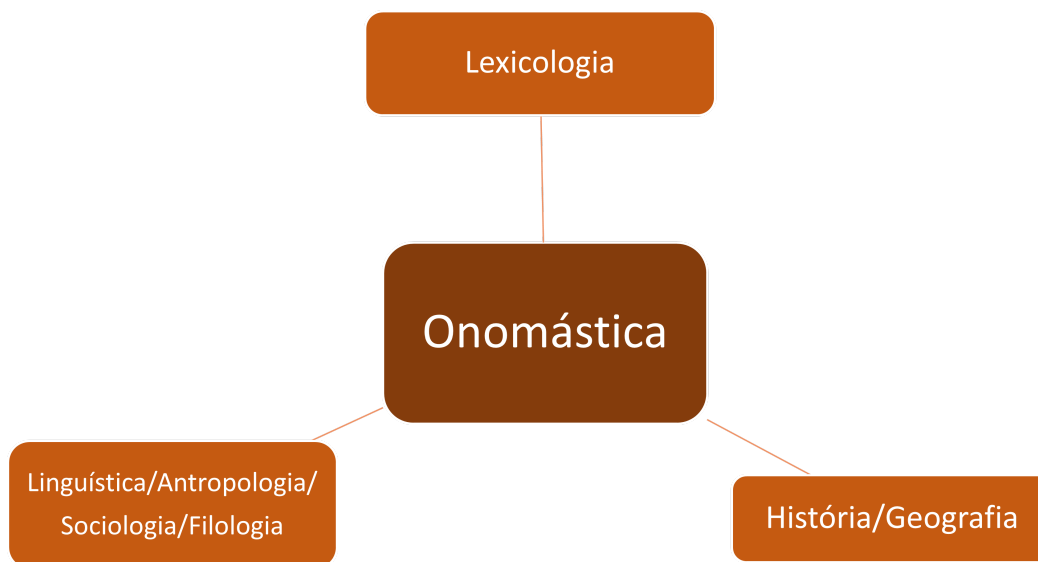
Biderman (1998, p. 14) afirmou que a nomeação da realidade pode ser considerada como a primeira etapa no processo científico do espírito humano de conhecimento do universo. Portanto, foi o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. A geração do léxico se processou e se processa por meio de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras.

A etapa mais primitiva de cognição da realidade pode ser identificada com a geração do léxico básico das línguas naturais. À medida que as comunidades humanas desenvolveram, progressivamente, seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o ser humano passou a criar técnicas e depois as ciências. Assim, as comunidades que atingiram tal estágio de civilização precisaram ampliar sempre mais o seu repertório de signos lexicais para designarem a realidade da qual tomam consciência a cada dia ao mesmo tempo em que precisam rotular as invenções e noções novas desenvolvidas por essas ciências e técnicas.

Bidermann (1998, p. 16) elucida que, nesse panorama, entre a Lexicologia, que é a ramificação da linguística cujo objeto é o estudo e análise da palavra, a categorização lexical e a estrutura do léxico. Ela faz fronteira com ciências, tais como a Dialetoleologia e Etnografia, haja vista que, nessas áreas interdisciplinares, são realizados estudos sobre palavras e coisas, isto é, sobre as relações entre a língua(gem) e a cultura. Além disso, como podemos observar na Figura 1, ela está implicada dentro da Onomástica, que, por sua vez, traz o estudo do nome próprio, sendo um importante e fundamental instrumento para compreensão e resgate cultural e social de uma localidade, uma vez que a escolha desse nome registra atitudes, posturas

sociais, crenças, influências históricas, políticas e religiosas, dentre outras que se refletem no processo de formação identitário de determinado povo.

Figura 1 – A Onomástica e suas características centrais.



Fonte: Elaborada pela autora.

Os estudos lexicológicos constituem o lugar em que podemos examinar processos de atualização, de renovação e de continuidade lexical, sustentados por processos de elaboração textual e, ao mesmo tempo, pela dinâmica da interação eu/tu, alocados em um “aqui” e em um “agora”. Desse modo, a lexia é o elemento oferecido aos interlocutores de uma língua natural para a construção e a detecção de visões de mundo, de ideologias, de sistemas de valores: o lugar privilegiado das mutabilidades que permite a interação contínua entre língua, cultura, ideologia e sociedade.

Alinhados, ainda, aos postulados do autor, entendemos o léxico de uma língua natural como uma forma de o homem registrar o seu conhecimento do universo, podendo o léxico ser considerado como o primeiro passo científico humano para chegar a esse saber. Assim, a nomeação da realidade gera o léxico das línguas naturais, que se constitui por meio de sucessivos atos de interpretação da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – palavras que se reportam ao universo referencial. Cada elemento que surge na língua acresce o léxico em novas palavras ou, ainda, renova as antigas ou mesmo que estavam já fora de uso. Assim, cada nomeação é o resultado da utilização do modelo linguístico herdado pelo indivíduo do grupo social ao qual pertence.

Assis (2020) ressalta que dados reais demonstraram que o léxico de uma língua pode receber influências de muitos fatores, sendo eles ambientais físicos, da fauna e da flora,

questões ambientais e sociais, incluindo o fator religioso, os padrões éticos, políticos, artísticos, dentre outros.

A respeito do léxico, Sapir ressalta, ainda, que:

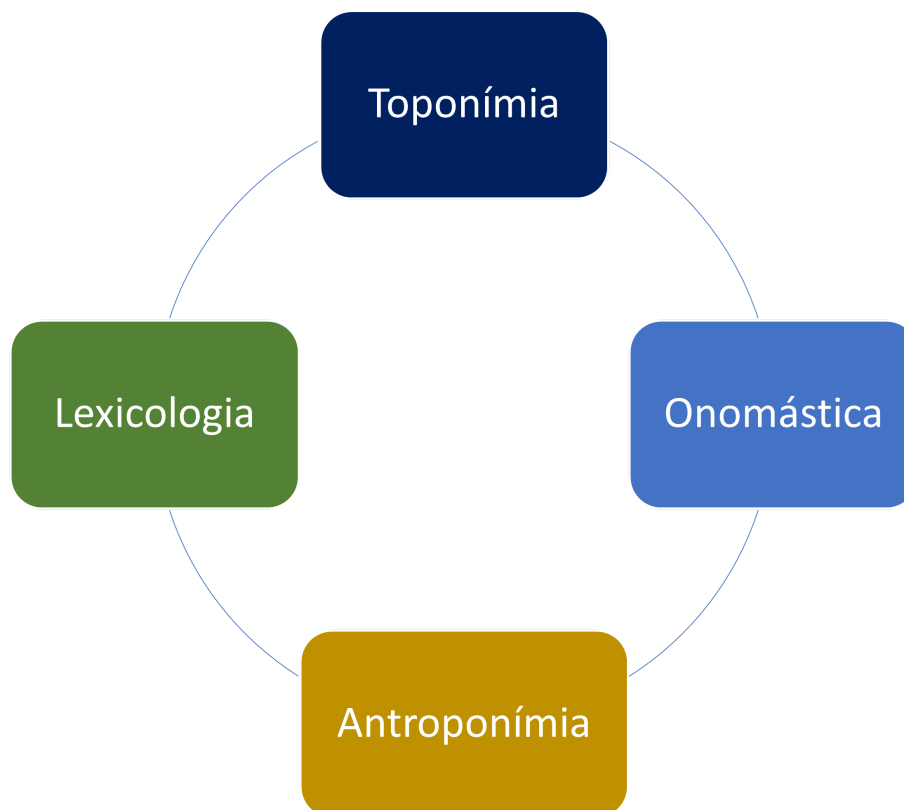
O léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade, e, por isso, se houvesse à nossa disposição um tesouro assim cabal da língua de uma dada tribo, poderíamos daí inferir, em grande parte, o caráter de um ambiente físico e as características culturais de um povo considerado (SAPIR, 1969, p. 44).

É interessante salientar que, ao longo de todos esses anos de interação entre os colonizadores e os moradores originais da terra, juntando-se a eles, também, a influência africana, o léxico sofre adaptações devido às particularidades e singularidades dessas influências diversas. Dessa forma, houve uma reelaboração lexical da língua portuguesa brasileira. Considerando essa afirmativa, Matheus sinaliza o seguinte:

Finalmente, o léxico brasileiro é um repositório de memórias da convivência entre os povos, e contém, como seria de esperar, inúmeros vocábulos de origem ameríndia (o. ex. “guri” rapaz; “capim”, erva; “pipoca” grão de milho rebentado ao “fogo”; mingau “papa”) e africana (o. ex. caçula “filho mais novo”; moleque “miúdo”; senzala “habitação de escravos”) (MATHEUS, 2006, p. 75).

A nomeação de pessoas e de localidades faz parte desse universo, sendo conhecida, genericamente, como “onomástica” e, especificamente, como “antroponímia” para pessoas e “toponímia” para localidades (Figura 2).

Figura 2 – Campos de estudo das palavras e nomenclaturas



Fonte: Elaborada pela autora

Assim, quando se trata de toponímia, o fator da arbitrariedade do signo linguístico, defendido por Saussure (1972), pode ser contrariado, pois é comum que a nomeação de locais se dê através de alguma motivação cultural, religiosa ou de outra natureza. Dito isso, a seguir, apresentamos aspectos da toponímia.

2.2 A toponímia e sua relação entre cultura e identidade

Atentos à recomendação de Meada (2006), ao realizar pesquisa sobre o léxico onomástico-toponímico, buscamos ter um olhar atento aos episódios históricos para que pudéssemos compreender os atos designativos sobre os quais nos debruçamos e versar acerca de como eles se constituíram na relação entre ambiente cultural e seu povo, visto que, assim, essas nomeações ganhariam aspectos bem mais significativos, revelados por meio da linguagem.

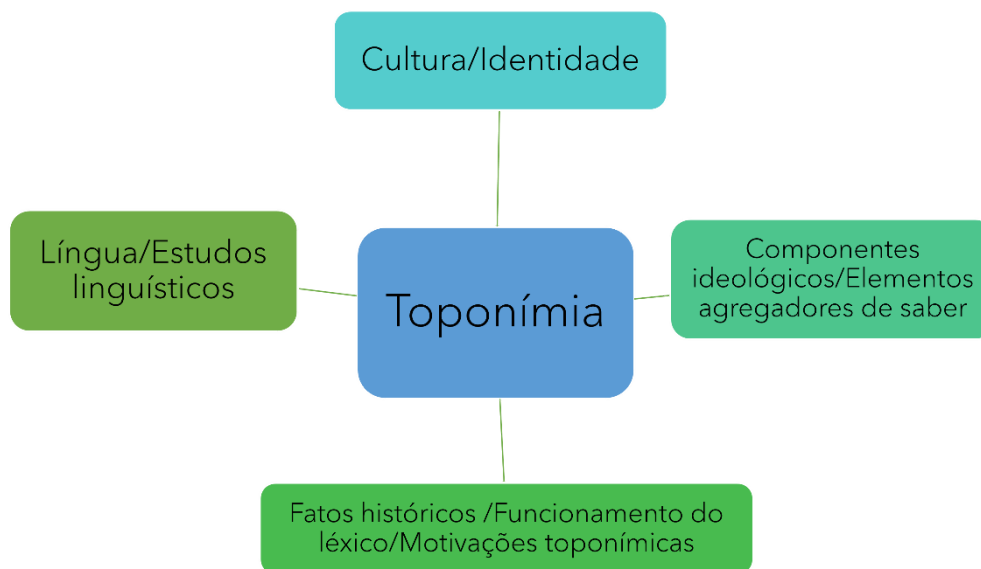
O processo que se dá, no ato de nomear, passa, também, pelo processo em que se baseia a semântica de uma língua natural e, dessa forma, é revelada a relação entre conceito e

palavra. Acerca disso, afirma Abade:

A denominação dos nomes [de localidades] é acima de tudo um fator de identidade. Em onomástica, essa denominação integra o nome e a coisa, o significante e o significado, a significação e a designação, em uma perspectiva semântica que integram o todo, passando ser uno. (ABADE, 2016, p.578)

Assim, pensar em um trabalho interpretativo, dentro de um plano onomasiológico, requer adentrar na cultura de um povo, de modo que se deva considerar a somatória de valores que se configuram na sua cosmovisão, posto que, necessariamente, os elementos de natureza antropocultural levantados podem indicar a motivação por trás do signo toponímico, haja vista que existe uma relação intrínseca entre língua e sociedade. Como percebemos, na figura abaixo, a Toponímia está atrelada a fatores identitários de dada comunidade, o que tem relação com traços culturais e tradicionais, que, por sua vez, têm base em questões ideológicas, tais como decisões políticas (particulares e coletivas), ou, ainda, religiosas.

Figura 3 – Características principais da Toponímia.



Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

Desse modo, o topônimo carrega consigo, além das influências internas-etimológicas, semânticas e linguísticas - também as influências externas - religiosas, históricas, geográficas, sociais e políticas. Com esses contatos culturais em diferentes línguas, os topônimos são manifestações de tais influências e revelam aspectos gerais e especificidades de um povo.

Sendo o topônimo um resultado da cultura, Seabra (2012) indica que os nomes de localidades nos fornecem valiosas informações, quais sejam:

- i) apontam a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão de sítios desaparecidos;
- ii) oferecem descrições preciosas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza;
- iii) indicam a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados;
- iv) apontam um amplo corpus de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida;
- v) fornecem conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados. SANTOS, (2012, p. 246)

Assim sendo, os estudos toponímicos podem apresentar-se como valiosa ferramenta de conhecimento por, como afirma Dick (1990, p.19), “[...] refletir de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe, nada mais é que reconhecer o papel por ela desenvolvido no ordenamento dos fatos cognitivos”.

Dessa maneira, é possível evidenciar a língua dentro do seu caráter histórico e identitário, trazendo à luz processos que marcaram e preservaram a memória e as motivações designativas da região analisada. É acerca disso que trataremos no Capítulo 3, a seguir.

3. ENCONTROS E TRADIÇÕES NO CENÁRIO DE POVOAMENTO

Tendo em vista que a nomeação de localidades, normalmente, consiste em um processo marcado pela motivação linguística, ou seja, por fatores que condicionam o ato de dar nomes a locais, neste capítulo, em par com dados históricos, apresentaremos as denominações que foram dadas, ao longo do tempo, à localidade atualmente conhecida como “Livramento de Nossa Senhora”. Antes, contudo, abordaremos: i) a narrativa do desbravamento inicial dos sítios; ii) a dinâmica exploratória, sua evolução histórica, eixos e setores de crescimento; iii) as conexões e trajetórias; e iv) a relação articulada e construída por diversos autores que, com suas participações, implicaram no cenário do povoamento dos sertões, até a construção do atual panorama físico, político, econômico, cultural e social do município.

Em 1500, André Gonçalves e Amerigo Vespucci, conforme cita Urbino Vianna, no livro “Bandeiras e Sertanistas Bahianos”, de 1906, “explorando pela primeira vez a costa brasileira do cabo de S. Roque para o Sul, reconheceram a fóz (sic) do grande rio que deram o nome de S. Francisco” (URBINO VIANNA, 1906, p. 9).

Segundo os mesmos autores, junto a esses portugueses André Gonçalves e Amerigo Vespucci, veio uma expedição que explorou as costas do Santa Cruz, no litoral baiano, por três anos, a fim de conhecê-la mais a fundo.

Esses exploradores perceberam a grande importância do rio São Francisco e, logo, adentraram o seus caminhos, os quais os levaram às margens que eram largamente habitadas pelos índios tapuias. As águas desse rio fertilizavam os campos e os seus arredores. Ainda segundo Vianna, “[...] em 1587, Sebastião Álvares de Breto [...] deu a ordem de navegar um rio e descobri (sic) minas (VIANNA, 1935, p. 17).

Em 1591-92, o sertão baiano começou a ser explorado, partindo da cidade de Jaguaribe, margeando o rio São Francisco, indo até as cabeceiras do Paraguaçu, até se chegar às proximidades do Rio das Contas. Esse percurso oportunizou aos jesuítas, que participassem da colonização, atuando com suas missões catequéticas e, segundo Vianna, “na obra da civilização é a quantidade de aldeia, centros catechistas, que se fundam, [...] seguindo a estrada do litoral a catechese dos índios, obra de benemerencia jesuítica (VIANNA, 1935, p. 18, sic).

Essa trajetória nem sempre foi passiva, visto que os colonizadores enfrentaram inúmeras batalhas e resistências por conta dos indígenas residentes no local, ou seja, no Sul da

Bahia. Isso requereu maior empenho e mais esforços, além de uma quantidade expressiva de homens no combate contra as populações locais, a fim de explorarem essa região.

Nesse momento, iniciou-se a participação dos bandeirantes paulistas nessas empreitadas, devido ao pedido de socorro dos exploradores europeus, diante do enfrentamento e resistência dos nativos.

As investidas do bandeirantismo duraram vários anos. Dentre alguns desses acontecimentos ocorridos pelo Brasil, nessa mesma época, podemos citar a destruição de Palmares, o “estado negro”, núcleo de resistência, entre outros.

Muitos roteiros foram utilizados para desbravar o sertão. Consta, na narrativa de Vianna, que margeando ainda “[...] o São Francisco pela direita, o do interior, a reunir-se em Tranqueira com o do Paramirim [...] chegou a outra via de comunicação, era a entrada do rio Pardo com rio de Contas, menos longa talvez, porém dificultosa e despovoada, aberta mais tarde por João Gonçalves Costa” (VIANNA, 1935, p. 52-53, sic).

Observa-se, segundo relatos, que os primeiros desbravadores dessa região que chegaram oriundos do vale de Paramirim margeando o rio Pardo (que hoje já não existe mais nessa região, devido à cultura da agropecuária e outras culturas existentes na região, ocasionando o assoreamento e extinção desse afluente). Percorrendo por essas entradas, os exploradores portugueses, juntamente com os bandeirantes paulistas, chegaram em outra entrada, a qual denominaram de São Gonçalo de Canabrava, atual comunidade pertencente ao município de Livramento Nossa Senhora. Tal comunidade tem hoje uma das festas mais antigas das tradições católicas na Bahia.

Há mais de 300 anos, ocorrem esses festejos, desse santo católico (São Gonçalo), tão popular na época do desbravamento do interior do Brasil – popularidade essa devido à natividade do santo em terras portuguesas, nascimento que ocorreu no século XVI em Arriconha, uma pequena vila no norte de Portugal.

Na entrada do então povoado de São Gonçalo de Canabrava, os exploradores fundaram uma pequena igreja, a qual foi erguida de forma que sua entrada principal ficasse em frente ao local de chegada dos desbravadores – era uma tradição o erguimento de igrejas sempre voltadas para o lugar da primeira entrada deles no local.

Consoante relatos orais, esses desbravadores, depois de fincarem estadia na recém-formada comunidade de São Gonçalo de Canabrava, partiram para outras entradas, que foram nomeadas com topônimos do português arcaico (tais como “várzeas” e “veredas” que, segundo o *Dicionário Online de Português*, significam “planícies” e “caminhos estreitos”) até

chegarem à localidade em que hoje se encontra a sede do município estudado

Em homenagem ao Santo, todos os anos, acontece o novenário com cantos e louvores, inclusive, com entusiasmo e devoção, em que é entoado o hino que homenageia o santo padroeiro, como se segue abaixo:

Hino ao Senhor São Gonçalo da Canabrava

(Texto Original; Letra e Música de Boanerges Aguiar Castro)

1.São Gonçalo

Meu santo padroeiro

A minha vida inteira

Serás meu protetor.

São Gonçalo

A santa penitência

A suma paciência

A paz do meu Senhor

Em cada coração

Do povo do sertão.

São Gonçalo

Na terra e nas alturas

De todas as criaturas

És o nosso grande irmão

2.São Gonçalo

Santo de Livramento

Em todos os momentos

Na alegria e na dor.

São Gonçalo

Na glória desventura

Na seca e na fartura

Terás sempre o nosso amor

A nossa oração

A festa, a tradição.

Da Canabrava

Da Serra da Mangabeira

Da subida das ladeiras

Nossa fé e admiração.

ESTRIBILHO: São Gonçalo, São Gonçalo

Os números com fervor

No dia 28 de janeiro

Canta em teu louvor. (Bis)

De acordo como relatos orais, ao chegarem ao local onde, hoje, está localizada a sede do município, esses colonizadores ergueram uma pequena capela (pequena igreja católica), situada na praça Dom Hélio Paschoal, nome escolhido em homenagem ao primeiro bispo diocesano do município. Esses desbravadores, por serem cristãos e por estarem acompanhados de religiosos portugueses, tinham, como tradição, a construção de pequenas igrejas, voltadas sempre para o lugar que representava o marco de sua chegada na localidade. Guimarães e Santos relatam, acerca dessa tradição dos pioneiros, que “[...] consta que os bandeirantes desbravadores eram cristãos, com eles sempre viajavam os padres jesuítas” (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 85).

Os autores relatam, ainda, que eram muito comuns as designações com nomes de santos, uma vez que, como já dito, esses bandeirantes eram acompanhados pelos jesuítas, havendo, dessa forma, “[...] um fundo religioso [n]as povoações que iam sendo criadas nos setores por onde passavam (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 85).

Há relatos orais, passados de gerações em gerações, por meio dos quais se alega que alguns desses bandeirantes conheciam a versão narrada no livro “Livramento de Nossa Senhora”, que relata acerca da devoção a Nossa Senhora. Essa devoção viria da “[...] esposa do espanhol Rodrigo Homem de Azevedo, preso pelo Duque de Alba de Espanha, quando invadiu Portugal” (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 87).

A narrativa continua, de forma a esclarecer a versão em que explicar-se-ia a origem desse topônimo. Os autores seguem, portanto, relatando que “a esposa teria rogado a Nossa Senhora para livrá-lo da cadeia, onde corria o risco de ser morto. Depois de sonhar com a santa por nove noites, que lhe teria acalmado, o marido Rodrigo homem foi libertado e autorizado a ir para casa” (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 87).

O que ocorreria em seguida pode explicar a origem desse topônimo designativo da cidade em destaque, isso porque, nos relatos dos autores, afirma-se que “Nossa Senhora teria pedido que ela edificasse uma casa e ela fez uma imagem e deu-lhe o título de Nossa Senhora do Livramento”, baseando-se numa frase que a santa lhe teria dito, a qual se segue: “Cala-te, não te aflijas, eu que tudo posso, o livrarei” (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 87).

Dando continuidade à saga exploratória, por onde passavam esses desbravadores, criavam alojamentos, povoados, vilas e, mediante essas passagens, chegaram e consolidaram a “[...] Vila do Rio das Contas, entrando nos Crioulos até o porto de S. Félix da Muritiba” e, acrescenta Vianna (1935, p. 55), “[...] de Crioulos na casa de Telha, ou Ribeirão, passando antes uma legua o riacho tamanduá; duas leguas e meia”.

A chegada desses moradores passou, então, por um longo percurso de descobertas, entre rios e montanhas, além dos desafios em relação aos nativos, até a criação e consolidação do núcleo.

3.1 Cenário do povoamento

Iniciaremos esta subseção, lançando luz ao aspecto geofísico. Desse modo, Livramento de Nossa Senhora é um município que se situa na chamada zona fisiográfica da Serra Geral, na região sudoeste da Bahia, já no final da Chapada Diamantina, distante cerca de 720 km da capital baiana, Salvador. Faz limite com os municípios de Rio de Contas, ao norte, Dom Basílio, ao leste, Brumado e Caetité, ao sul, Paramirim, a oeste e, por fim, Érico Cardoso (antiga Água Quente), a noroeste, tendo as seguintes coordenadas geográficas: latitude de 13°38'36", ao sul, e longitude de 41° 50' 32", a oeste. Seus habitantes se denominam “livramentenses”. A cidade compreende 2.135,6 km², contando com 45.732 habitantes, de acordo com o censo do IBGE, do ano de 2010. Sua densidade demográfica é de 21,4 habitantes por km² (CIDADE-BRASIL, 2021, s/p.).

A seguir, com base nos dados do IBGE (2010), exporemos, resumidamente, alguns aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais da cidade.

A cidade de Livramento de Nossa Senhora tem clima típico do interior nordestino: subúmido. As precipitações pluviométricas ocorrem entre os meses de outubro a maio, sendo os demais mais secos, com pouca ou quase nenhuma chuva. As temperaturas médias anuais ficam em torno dos 21,3°C, mas apresentam oscilações, com altas temperaturas que vão desde o fim do inverno até o alto verão, estendendo-se, até mesmo, ao outono. Entre os meses de

junho e agosto (indo até a primeira quinzena do mês de agosto), essa variação fica, em média, entre os 18,5°C, na mínima, e 23,3°C, na máxima.

O município mantém, ainda, algumas peculiaridades provincianas, apesar de ter um razoável índice de desenvolvimento urbano. Muitas tradições foram preservadas e podem ser facilmente vistas, a exemplo das reuniões de família e amigos nos alpendres e calçadas das casas, aos finais de tarde ou mesmo a presença de atividades econômicas e culturais, inspiradas na história das primeiras gerações de moradores da localidade. Como exemplo dessas histórias e memórias, temos o povoado da Telha, cujo nome lhe foi dado devido ao artesanato local, onde, há décadas, são feitos manualmente muitos e variados utensílios, inclusive telhas, com o barro encontrado na região. A simplicidade dos costumes, num local em que praticamente todos se conhecem, é um dos pontos fortes de Livramento de Nossa Senhora, sendo, portanto, uma cidade que ainda preserva as suas memórias e tradições.

Como já explicamos, o censo do IBGE (2010) aponta que há cerca de 45 mil habitantes. É, contudo, interessante observar que essa população ainda mantém seu passado com costumes recheados de tradições que ressaltam o seu romantismo provinciano, como já aludido anteriormente. Isso lhe confere, dentro da memória comum do seu povo, ofertar, às novas gerações, a materialidade histórico-cultural demonstrada e representada por meio de suas festividades culturais de cunho religioso, folclórico e cívico.

A respeito desses costumes, podemos destacar, por exemplo, a festa de Canabrava de São Gonçalo, que, como já mencionamos, é padroeiro de uma das mais antigas comunidades da cidade, a qual teve início há mais de 300 anos. Além disso, há a festa dos Reis Magos, também conhecida como festa de Reisado, assim como as rodas de capoeira, danças típicas, que trazem à tona a ancestralidade dos remanescentes dos quilombos da região. Há, também, a festa da padroeira da cidade, que é comemorada no dia 15 de agosto e que atrai fiéis e devotos de todos os cantos do município, bem como das cidades circunvizinhas.

Ainda sobre esse prisma da diversidade cultural de Livramento de Nossa Senhora e das mais diversas influências experimentadas pela população local desde o início do assentamento à atualidade, Guimarães e Santos destacam que as festividades se misturam entre o caráter religioso e o dito profano, sendo destaques:

[...] as manifestações locais específicas das festas juninas e natalinas, por exemplo, das datas cívicas e das homenagens aos Santos padroeiros das igrejas erguidas em distritos e povoados, nas celebrações religiosas, salientam-se os próprios festejos da padroeira, nossa Senhora do Livramento; de São Gonçalo da Canabrava; De São

João, na Rua do Areão, e de Santo Antônio, no Passa Quatro. (GUIMARÃES; SANTOS, 1995, p. 53)

A localidade tem seu patrimônio histórico representado pelo conjunto arquitetônico datado do início do século XVIII, além de um cenário paisagístico que chama a atenção, com inúmeras cachoeiras, rios e uma suntuosa fauna e flora.

No que tange à educação formal, o município conta com escolas públicas municipais na sede, em suas comunidades e, também, nos distritos. Em se tratando da esfera estadual, conta com uma unidade educacional, que atende os alunos do ensino médio. Ademais, existem várias instituições educacionais do setor privado, inclusive com oferta de ensino superior na modalidade EaD (Educação a Distância).

Já no campo econômico, destaca-se a cultura da manga, maracujá, além de outras pequenas lavouras diversificadas e proliferadas, em quase todo o âmbito rural da região. O comércio local abrange, também, uma variedade de produtos industrializados e artesanais, além da oferta de serviços especializados e toda a variedade que cabe à tipicidade do livre comércio e da livre iniciativa.

No entanto, o projeto fomentado pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas), iniciado em 1976 e inaugurado no ano de 1988, pelo então presidente, José Sarney – por ocasião da sua visita à cidade – trouxe mudanças para a agricultura local, sobretudo no que tange ao desenvolvimento de novas técnicas de irrigação, inclusive por gravidade. Com isso, criaram-se e viabilizam-se melhores condições para o cultivo, por meio do qual se aproveita todo o potencial agrícola da região, trazendo fama ao município, até mesmo no cenário internacional da fruticultura.

3.2 Oásis da natureza

A partir do olhar crítico e paisagístico, Livramento de Nossa Senhora é uma localidade privilegiada do sertão, mas, apesar de muitos privilégios, uma grande parte da população ainda é castigada pela seca, enquanto a outra parcela desfruta dos benefícios trazidos pelo Rio Brumado, afluente de Rio de Contas. O município de Livramento de Nossa Senhora fora batizado como “Polígono da Seca”, mas não tem uma estação bem definida. Caracterizado pela vegetação semiárida, uma estação é de seca prolongada e outra de pouca chuva, cujo clima é tropical seco, típico de interior. Concordamos com Santos e Guimarães quando salientam que:

O município de Livramento de Nossa Senhora localiza-se numa região emoldurada por formações rochosas atribuídas a uma origem vulcânica, provavelmente da era proterozóica, no período terciário, o que assegura grande tranquilidade tectônica. (GUIMARÃES, SANTOS, 1995 p. 49).

A vegetação de características variadas, típica da caatinga é formada pela instabilidade da temperatura, aliada à escassez das precipitações pluviométricas. Apesar de prevalecer a caatinga, nas serras e proximidades dos rios, existe uma variação de vegetação, destacando-se, dentre elas, as de grande porte. O Rio Brumado é vital para o município e, embora o volume d'água não seja excessivo, tem sua vazão controlada pela barragem Luiz Vieira, localizada no município de Rio de Contas, construída pelo Departamento Nacional de Obras contra a Seca.

O Rio Brumado nasce na Serra das Almas, em uma localidade denominada de Queiroz, descendo para Livramento de Nossa Senhora e formando a bela Cachoeira Vêu de Noiva, cuja altura é de 150 metros de queda principal e 50 metros de desnível total. A água do Rio Brumado é fundamental para a sobrevivência do povo livramentense e contribui significativamente para a sua economia.

Para Santos e Guimarães:

Apesar de localizar-se em uma região pobre, Livramento de Nossa Senhora destaca-se pelo potencial turístico, baseado na beleza e curiosidade da sua paisagem natural. Entende-se que a ampla vista panorâmica encanta os visitantes, a cidade ainda guarda grandes lembranças da era do ouro como, os belos casarões, dentre eles a “Casa Grande” que se destaca pelas suas belas portas e janelas em forma ogival. A “Casa do Barão”, em São Timóteo e a “Capela de São Gonçalo” em Canabrava, são marcos na história desse município (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 60)

Após essa breve apresentação do atual estágio de vida da localidade em pauta, passaremos a narrar, de maneira não exaustiva, a história do local.

4. BREVE HISTÓRICO DO MUNICÍPIO

Para Santos e Guimarães (1995, p. 16), “[...] tudo indica que os indígenas, portugueses e africanos escravizados fazem parte do processo de formação do Topônimo em estudo, mas não encontramos registros, pelo menos oficiais, da vida no município antes do século XVII”.

A tradição oral dá conta de que portugueses da linhagem do Conde da Ponte, citados como aventureiros, teriam sido os primeiros habitantes do local, situado às margens do Rio das Contas, o qual percorre, aproximadamente, 500 km na Bahia, perpassando três importantes biomas: cerrado, caatinga e Mata Atlântica. Esse rio tem sua nascente na Serra do Tromba, localizada na cidade de Piatã, desaguando no Oceano Atlântico, na cidade de Itacaré, no sul da Bahia. O Rio Brumado é a principal afluente do Rio de Contas, além de formar a bela Cachoeira Véu de Noiva em Livramento de Nossa Senhora. Vejamos, a seguir, uma sucinta narrativa dessa saga expansionista.

A expansão colonizadora territorial do Brasil se deu durante as primeiras décadas, após a chegada das esquadilhas cabralinas que, de início, avançaram para as áreas litorâneas do Nordeste e do Sudeste para, depois, adentrarem no Sertão (aqui, referindo-se, especificamente, aos rincões da Bahia).

Freire (1906) nos apresenta a seguinte narrativa:

[...] o primeiro plano de colonização adaptado por Portugal no Brasil foi o de capitanias hereditárias. Toda colônia foi, então, dividida em circumscrições Territoriais, com seus pontos divisórios pela costa, porisso mesmo que era de todo desconhecido interior do país” continua, “interesses economicos e da propagação da fé christã pelos jesuítas, por entre os índios, fora as causas principais das explorações entradas que se fizeram pelo Sertões do Brasil... (FREIRE, 1906, p. 66) [sic].

O autor segue seu relato narrando a saga pelo desbravamento dos sertões “[...] a procura de zonas para lavoura e para exploração das minas e a conquista dos índios, para fornecer em braços ao trabalho agrícola, somam Os interesses econômicos que criaram as explorações entradas pelo Sertões” (FREIRE, 1906, p. 66) [sic].

Os desafios foram grandes, conforme ressalta o estudioso, pois:

[...] constituíram-se sempre como uma força de resistência os jesuítas a escravização dos índios, creando isso uma luta secular entre elles e os agricultores [...]. Na Bahia, as explorações e entradas motivadas pelas minas não tiveram importancia que tiveram no sul da colonia, cuja feição e organização economica, principalmente no fim do século XVII e começo do século XVIII são da indústria aurifera. Todavia, não deixaram de representar o papel saliente na descoberta dos sertões e principalmente nas vias de comunicações para o sul para o norte, que se abriram, em

consequências dessas viagens arrojadas, através de zonas desconhecidas (FREIRE, 1906, p. 66) [sic].

Seguindo o caminho, em busca das pedras preciosas, os desbravadores depararam-se:

[...] agora a direção da outra estrada da Bahia para as minas do rio das Contas, tomando como ponto de partida um dos seus pontos -Mato Grosso-, última marcha dessa jornada, por ser allí a maior rancheria dos mineiros daquelles districtos, onde todos têm sua casa de palha, ahi aportando todos os vivandeiros com seus comboios, ou sejam os que vão da vila da Cachoeira ou que vêm do rio S. Francisco e de todas as partes (FREIRE, 1906, p. 85) [sic].

Apontando, ainda, para o percurso, onde iria sediar-se a Vila Velha, a qual, por conta de estradas mais favoráveis ao fluxo do ouro e a despeito da falta de investimento econômico, deixou de fixar a sede, até então na chamada Vila Nova de Senhora do Livramento das Minas de Rio de Contas, que se situava no então município em estudo, fixando-se no povoado que se tornaria anos, mais tarde, a cidade de Rio de Contas, o que é confirmado por Freire, quando salienta que “[...] nas vizinhanças deste lugar, aparta-se a estrada que ir para Minas, seguindo pelo rio de S. Francisco, em crioulos (FREIRE, 1906, p. 85) [sic].

O historiador narrando, ainda, a saga pela busca das pedras preciosas, através de diferente percursos, afirma que:

[...] partindo dahi para Bahia, a estrada passava no Ribeirão ou Casa de Telha, onde existe uma venda de mantimentos; na passagem do rio de Contas, onde dava vão e seguindo a direcção do seu leito, cortava a serra do Sincorá, em um dos seus trechos acessíveis, talvez o Tombadouro, para cair em extensos campos, chamados os geraes (FREIRE, 1906, p. 85) [sic].

Conforme relatos anteriores, com o desinteresse econômico, ocorre a transferência da sede da então Vila Velha para o Arraial do Mato Grosso. O fluxo de ouro, ou seja, o comércio, era feito através das cargas, e sua logística realizada pela parte superior, pois era mais fácil, uma vez que, descendo a estrada, encontravam-se rios, os quais, em certas épocas do ano, dificultavam o transporte das cargas. Freire descreve, então, que:

Mato Grosso era um arraial junto da antiga vila do rio das Contas, que anos depois, aliás edificada em outro local. Já dissemos que os crioulos é o lugar por onde seguia a estrada de Minas e fica perto de Mato Grosso, celebre rancho dos sertanejos e que atrahia viajantes que desmandavão diversos lugares (FREIRE, 1906, p. 86) [sic].

Ademais, o autor destaca algumas curiosidades do povoado, tais como “dahi costeando a serra do Tromba, e ao rio de Agua Suja, atravessava o rio de Contas e chegava ao arraial de Mato Grosso, passando pela fazenda do Barbado, á meia légua de distancia [sic]. O arraial tinha 27 casas” (FREIRE, 1906, p. 89).

Essas explorações feitas por esses bandeirantes a esses percursos tiveram início no século XVIII com a criação da Estrada Real. Ela foi construída em pedra bruta para facilitar o transporte das pedras preciosas entre a cidade de Rio de Contas e Livramento de Nossa Senhora.

Resistindo ao tempo, presente, na região, ainda atualmente, a construção dessa estrada trouxe êxito à exploração de Sebastião Raposo, vindo a surgir além das explorações dos metais valiosos, lavouras de cereais cultivadas pelos membros da própria bandeira. Diante de tais resultados, Freire (1998, p. 156) escreve que “[...] em face desse relatório, o governo da Bahia resolveu da vida civil e administrativa região”.

Assim, a dinâmica exploratória continuou, devido à presença desses aventureiros. Contudo, como podemos constatar na narrativa de Guimarães e Santos (1995), não se pode confundir a ação dos bandeirantes paulistas, que fundaram a vila original, com a denominação “Vila Velha”.

O desbravamento do Sertão ocorreu do século XVI ao XVII e, logo após, aconteceram as “Sesmarias”, em que se deu direito ao conde de adquirir terras. Conta-se que, por volta de 1765, o conde Antônio Saldanha Guedes de Brito outorgou uma procuração ao fidalgo português, Joaquim Pereira de Castro, para vender uma área, na qual o senhor Joaquim passaria a morar. Houve, entretanto, alguns percalços, como a disputa com os mongóis e emborés, etnias indígenas que, possivelmente, sobreviviam na região, mas, com o tempo, estabeleceu-se um elo entre diferentes povos, o que favoreceu a origem das famílias “Castro” e “Meira”.

Novas pepitas foram encontradas rio abaixo, em cujas proximidades do fume surgiu um povoamento, onde hoje é a cidade de Livramento de Nossa Senhora. Segundo relatos, em 1715, os padres jesuítas construíram uma capelinha de pau-a-pique, onde seguiam a tradição portuguesa de invocar a santa, chamada de Nossa Senhora do Livramento. Ao redor do Tomba, surgiram os primeiros povoados e a primeira capela.

Salientamos a descoberta de ouro em Livramento de Nossa Senhora, numa localidade chamada Passa-Quatro, levando à criação dos grandes assentamentos na Rua-do-Areião e na Rua-do-Fogo (Tabimã) – na primeira, foi construída uma capela em louvor a São João Batista, cujos festejos são mantidos respeitando-se a tradição.

Diante das pesquisas realizadas ao tema, compreendemos que a busca pelo ouro e outras pedras preciosas, além da religiosidade, estavam muito presentes nessa região. As baixadas, o terreno fértil e a abundância d’água permitiam as práticas da agricultura de

subsistência, o que favoreceu o cultivo do arroz, feijão, milho, mandioca e outros produtos. A sobrevivência do povo de Livramento, em um lugar tão distante, no interior do país, é algo extraordinário, haja vista que, há três séculos, os habitantes lá sobrevivem, preservando muitos hábitos, dando continuidade à história e cultura, nas suas falas, crenças, tradições e nas riquezas antropológicas que são inigualáveis.

A memória fixa-se a partir da ascendência portuguesa, que trouxe para Livramento não só a escravatura, mas também costumes finos, como o estudo da língua francesa, técnicas agrícolas e construção. (SANTOS; GUIMARÃES, 1995, p. 16)

Na obra de Guimarães e Santos, há o destaque folclórico com a explicação sobre a origem do nome e suas histórias envolvendo o título “Nossa Senhora do Livramento” (1995) e versões do livro, nas quais se faz referência à condição de liberdade dos homens, atribuída à Maria Santíssima. Registros de relatos, segundo o monsenhor Cristiano Alberto Muler, vigário da Paróquia São Pedro Velho, em Salvador, o do “livramento”, atribuído à Nossa Senhora, com a tradução da expressão “*De libertione Mariae Virginis*” (tradução livre: Do livramento da Virgem Maria), extraída do texto linguístico lido na festa da Expectação do Parto de Nossa Senhora, em Portugal.

Guimarães e Santos relatam, ademais, que a Invocação da Santa consta que os bandeirantes desbravadores eram cristãos, e, com eles, sempre viajavam os padres jesuítas, dando um fundo religioso às povoações criadas nos sertões, por onde passavam. Não foi diferente em Livramento e, no mesmo ano (1715) em que foi fixado o primeiro núcleo populacional, os padres jesuítas chegaram e ergueram uma capela sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento:

Era uma região de acesso difícil, o que dificultava o deslocamento dos religiosos e eles preferiram estabelecer-se no local, onde construíram uma "redução jesuíta", através da qual coordenavam as atividades de evangelização. A "redução" era a sede religiosa, que evoluiu para "freguesia" até chegar à situação atual (paróquia) (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 85).

“Freguesia”, esse espaço territorial, era a maneira que os jesuítas tinham de organizar a administração de um lugar, e não demorou muito para que esse pequeno núcleo urbano ganhasse esse título/objetivo. Os padres portugueses trouxeram a tradição de erguer uma pequena capela e, mesmo sem pastor próprio, tinham o costume de convertê-las em paróquias. Em Livramento de Nossa Senhora, logo uma capela foi erguida, como contam os autores:

Na capela, foi entronizada imagem de Nossa Senhora do Livramento, dando o primeiro nome do local: "Vila de Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de

Contas", criada em 1724, pelo sertanista e coronel Pedro Barbosa Leal, com autorização do vice-rei de Portugal, Dom Vasco Fernandes César de Meneses, o conde de Sabugosa. (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 85)

Não demorou muito para que essa pequena freguesia ganhasse categoria de vila, ou seja, uma unidade política-administrativa autônima:

Livramento foi o primeiro núcleo populacional da área e, conseqüentemente, a primeira vila, mas Rio de Contas, então arraial dos Creoulos, oferecia melhores condições de salubridade e mais abundância de minerais nobres. E a vila foi transferida para lá, em 1745, com o nome de Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas, que passou também a ser a sede da primeira freguesia do Sertão de Cima que já funcionava na povoação de Mato Grosso, chamada Freguesia de Santo Antônio de Mato Grosso. Ao perder a condição de vila Livramento passou a ser chamado de Vila Velha, o que perdurou por muitos anos. A nova vila perdeu o extenso nome, ficando apenas "Rio de Contas", conservado até hoje e tem origem no antigo nome do rio Brumado, que era "rio de Contas Pequeno", por ser afluente do rio de Contas. (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 85)

A partir desse contexto, esses pequenos núcleos territoriais começavam a ganhar destaque, à medida que mais pessoas chegavam em busca das riquezas minerais. As vilas, muitas vezes, originavam-se com o trabalho evangelizador e, diante da dimensão dessa educação religiosa, fundavam-se paróquias. As margens dos rios eram lugares privilegiados para as paradas e permanência desses desbravadores, pois essa proximidade favoreceria atividades domésticas e agropecuárias. Com o avanço das vilas e paróquias, as autoridades começavam a oficializar esses lugares.

Considerar a cultura religiosa de um povo possibilita o entendimento das interinfluências que uma comunidade linguística traz em relação à nomeação de lugares. Dessa forma, os aspectos intra/extralinguísticos do topônimo trazem evidências que mostram que o aspecto religioso, característico da localidade em estudo, serviu como um norteador para as nomeações.

Relatos históricos do livro "Livramento é de Nossa Senhora", de Guimarães e Santos (1995), apontam que, em 15 de agosto de 1715, ergueu-se uma capela, onde se entronizou a imagem da santa, realizando-se a primeira festa em louvor à Nossa Senhora, que se tornou padroeira do local. Após mais de 300 anos de surgimento da povoação, essa santa foi o símbolo da fé da povoação.

O nome "Livramento de Nossa Senhora", da vila ao município, teve oito denominações que se deram a partir da chegada dos bandeirantes, em 1715. No próximo capítulo trataremos informações sobre esses nomes.

1. A CONSTRUÇÃO TOPONÍMICA NA CIDADE DE LIVRAMENTO DE NOSSA SENHORA

O conhecimento da história sociocultural e linguística de um povo nos ajuda a eliminar dúvidas quanto à arbitrariedade de um signo toponímico. Portanto, ao analisarmos tais signos, a ideia da motivação e evolução têm um papel importante para a compreensão de tais designações. Nesse sentido, Dick (1990, p.24) explicita que:

[...] a aproximação do topônimo aos conceitos de ícone ou de símbolo, sugerido pela própria natureza do acidente nomeado e [...] vai pôr em relevo outras características do onomástico toponímicos, qual seja não apenas a identificação dos lugares, mas a indicação precisa de seus aspectos físicos ou antropocultural mais contido na denominação.

Dessarte, Segundo Andrade (2009), o signo toponímico é um signo linguístico motivado, principalmente, pelas características físicas do local ou pelas impressões, crenças e sentimentos do denominador e acrescenta, ainda, que:

Além de diferir dos demais signos, no que se refere à motivação, tem particularidade específica também quanto à função. O signo linguístico se reserva à arbitrariedade; o signo toponímico, à motivação. O que vê que os diferencia é a função significativa quando a toponímia os transforma em seu objeto de estudo. O signo, na toponímia, é direcionado pela função onomástica, identificar nomes caracterizada pela motivação. Deve, portanto, ser encarada sob dois ângulos: a função do denominador (razões que fazem com que o falante escolha e/ ou selecione um signo toponomástico, dentro de um eixo paradigmático) e a natureza do produto dessa escolha: a própria origem semântica da denominação de modo transparente ou opaco. Todo trabalho toponímico constitui um caminho possível para o conhecimento do *modus vivendi* e do cosmo visão das comunidades linguísticas que ocupam ou ocuparam um determinado espaço. Nesse momento, são exteriorizados e evidenciados aspectos sociais, religiosos, antropoculturais, organização política e linguística de um determinado grupo (ANDRADE, 2009, p. 3732).

Assim sendo, a importância da designação toponímica ocorre de forma particular quando é utilizada como ferramenta não só agregadora de valores históricos e geográficos, mas, também, como um instrumento para a preservação da memória e identidade cultural de povos, oportunizando-nos descobertas e redescobertas, além de leituras e releituras sobre a evolução histórica desses lugares, para que, dessarte, possamos obter mecanismos de valorização da territorialidade, como também de resistência a qualquer tipo de colonização, por meio da qual se possa tentar suprimir tradições e histórias do nosso povo.

É com essa disposição de espírito que passamos a narrar a construção toponímica da cidade “Livramento de Nossa Senhora”.

O processo de povoamento do município passou pelos grupos dos moradores originais,

os tapuias, que se encontravam na localidade estudada antes da sua colonização. É provável que eles tenham vivenciado o processo de exploração das riquezas naturais, tais como os metais e pedras preciosas, ocorrida com a chegada dos colonizadores.

Lembramos que esses relatos utilizados para subsidiar o estudo são orais. Não há, portanto, registros escritos de tais fatos. A maior parte das negociações dessas riquezas se dava às margens de um rio que, em virtude disso, ficou conhecido, desde aquela época até os dias de hoje, como Rio de Contas. Nome que, mais tarde, batizou uma cidade de que é próximo.

Assim como a cultura indígena está entranhada na nossa língua, a cultura lusitana também se faz muito presente. A cidade de Livramento de Nossa Senhora passou por um longo período de construção demográfica e, nesse contexto de povoamento, as designações toponímicas fincaram-se. Muitas delas se sustentavam através das crenças religiosas portuguesas, pois, nesse período, havia uma forte ligação entre o Estado (referimo-nos ao governo e ultramar e às decisões políticas e sociais) e a Igreja (religiosidade e crenças baseadas na cúpula católica europeia).

Guimarães e Santos (1995) relatam acerca da chegada dos colonizadores, através do curso do Rio Brumado, cujo curso de água tem nascente na Serra das Almas¹. O Rio Brumado é um afluente do Rio de Contas, cujo nome se deve às muitas brumas existentes na região.

Os viajantes que viviam à procura de metais preciosos, além de trazerem desenvolvimento econômico e urbano para a região, trouxeram também fundamentos da doutrina cristã, de maneira que a tradição com eles advinda favorecesse as missões jesuíticas na região. Assim, como já discutimos, foi erigida uma capela, a qual apontava para o marco da chegada portuguesa.

Essa capela, anos depois, ascendeu à categoria de igreja, visto que, com o passar do tempo, as pequenas edificações que são denominadas de capelas, habitualmente, são, de uma forma ou de outra, ampliadas e ascendem à categoria de igrejas, que são templos maiores, onde o sacerdote celebra a missa principal, sempre aos domingos e/ou em dias (de) santos.

Com o desenvolvimento do catolicismo, fruto das missões empreendidas tanto por leigos (pessoas que exercem papéis na igreja, mas sem ordenação formal) quanto por sacerdotes, foi construída, no ano de 1860, próxima ao templo original, uma igreja que,

¹ Assim nomeada devido aos primeiros habitantes da região, os indígenas, que assim a chamavam devido ao fato de, na estação seca, uma grande parte da vegetação perder suas folhas, deixando os troncos das árvores, conseqüentemente, a paisagem, com aparência clara e esbranquiçada

atualmente, abriga a Catedral da Diocese de Livramento de Nossa Senhora, que pertence à província eclesiástica da Arquidiocese de Vitória da Conquista.

Nesse ínterim, o comércio de pedras valiosas fomentou não somente a comercialização de metais preciosos, mas, também, a produção de ferramentas, para a extração e lapidação de ouro. Anteriormente, a fabricação dessas ferramentas acontecia em um espaço vizinho, na então Vila Velha de Nossa Senhora do Livramento de Minas de Rio de Contas Pequeno. O local recebia esse nome por ser banhado pelo rio de Contas Pequeno, afluente do Rio de Contas maior, que, anos depois, recebeu o nome de rio Brumado, como já nos referimos anteriormente.

Essa designação foi dada ao referido local no ano de 1724, época em que a atual cidade de Livramento de Nossa Senhora formou a primeira vila, ou seja, o primeiro aglomerado urbano. Com isso, até a atualidade, a localidade citada, que recebeu o nome de Rio de Contas, mantém a tradição de produção artesanal de ferramentas.

Em 1746, as atividades mineradoras fixaram-se no Arraial dos Crioulos, hoje chamado de arraial de Mato Grosso, nome sugerido mediante a grande quantidade de escravos alforriados que se instalaram à margem direita do Rio de Contas Pequeno.

Com o passar do tempo, o nome “Vila Velha” ficou pejorativo, porque era como se a sede da vila tivesse ficado ultrapassada. Com a finalidade de extinguir esse mal-entendido, a vila passou a ser denominada de “Vila Nova do Brumado”.

O Rio de Contas, a essas alturas, já havia recebido uma nova denominação, passando a ser conhecido como Rio Brumado. Em 1921, então, a Vila Nova de Brumado ganhava independência, voltando a adotar a antiga designação de Vila Velha.

Já no ano de 1923, o signo toponímico que designava a principal localidade em pauta, ou seja, o corrente município de Livramento de Nossa Senhora, mais uma vez, recebia uma nova designação, sendo intitulado, apenas, de “Livramento”, resgatando, assim, a antiga crença religiosa trazida pelos jesuítas e bandeirantes cristãos, em Nossa Senhora do Livramento.

No entanto, no ano de 1926, já com foro de cidade, exercendo, portanto, a competência no âmbito político-administrativo, passava a ser designada somente pelo topônimo de “Livramento” e, em 1943, vindo a ser chamada de “Livramento do Brumado”. Essa designação, de acordo com Guimarães e Santos (1995), trouxe muita polêmica, uma vez que a cidade vizinha se chamava (e até hoje assim se chama) “Brumado”. Dessa maneira, conforme relatado pelos autores, saíram muitos boatos de que a cidade de Livramento

pertencia à então cidade limítrofe.

Para sanar esse mal-entendido, por iniciativa do então padre Sinval Laurentino, a população local conseguiu, junto ao governador do Estado da Bahia da época, Antônio Lomanto Júnior, a mudança do topônimo, de “Livramento do Brumado” para “Livramento de Nossa Senhora”, através da Lei Estadual nº 2325, de 14/05/1996.

O batismo de lugares com nomes místicos (e) religiosos foi seguido aqui na região, haja vista que “[...] as circunstâncias locais pouco interferem na escolha desde que sua causa determinante se prende ao homem, às manifestações de seu espírito, à maior sensibilidade pelos fatos místicos, à sua crença e à sua fé” (DICK, 1990a, pp. 311-312).

Muitos dos nomes dos acidentes geográficos são constituídos por sintagmas compostos por vocábulos de ascendência na língua portuguesa, motivados na hagiotoponímia lusitana (nomes relativos aos santos ou santas do hagiológico romano) e, de forma particular, a construção toponímica da cidade em destaque seguiu essa tendência, mesmo que, “[...] às vezes, os nomes podem receber traços identificadores que, se não são propriamente termos de natureza religiosa, estão, todavia, ligados a essa ideia, numa visível relação de pertinência” (DICK, 1997, p. 187)

A seguir, traçamos um breve histórico das mudanças toponímias da cidade pesquisada, a fim de ajudar o(a) leitor(a) a melhor visualizar essas alterações ao longo dos anos.

- I) Vila de Nossa Senhora do Livramento (título vigente em 1724): origem do topônimo do hagiológico romano – nome dado devido à história que um dos bandeirantes conhecia (a história de Rodrigo Homem, narrada anteriormente) e, como era de costume dos portugueses dar um título para a igreja para formarem um grupo cristão, imputou-se esse nome ao lugar recém-explorado.
- II) Vila Velha (título vigente em 1746): topônimo complexo para se referir à vila que, agora tinha uma nova sede, o que ocorreu devido a interesses econômicos, uma vez que as estradas eram mais favoráveis ao fluxo do ouro, recebendo esse termo, o qual seria visto como pejorativo.
- III) Vila Nova do Brumado (título escolhido em 1880): topônimo hidrônimo referente ao curso de água que banha o município, cujo nome era (e ainda é) Rio Brumado, antes chamado de Rio de Contas Pequeno.
- IV) Livramento (adotado em 1923): topônimo do hagiológico romano que se remete

ao antigo nome, adotado em homenagem à Virgem Maria.

- V) Livramento do Brumado (escolhido ainda em 1923): topônimo complexo, o qual tanto tem raiz na designação original do município quanto faz alusão ao nome ao curso de água, denominado Rio Brumado.
- VI) Livramento de Nossa Senhora (topônimo atual): hagiotopônimo (faz parte dos topônimos motivados pelo nome de santidades do hagiolégio romano), evidenciando-se, assim, aspectos iniciais da devoção do denominador aos santos católicos, materializados no sistema toponímico da região.

A toponimização de elementos cristãos sempre foi um forte elemento da estrutura toponímica nos municípios brasileiros, devido aos nomes dos santos e santas aceitos e aprovados pelos dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana. Isso ocorria por conta da “[...] religiosidade lusitana [que] encontrou, como se sabe, no Novo Continente, o clima fecundo ao seu expansionismo” (DICK, 1990b, p. 156). Antunes e Carvalhinhos (2007) fomentam esse pensamento ao afirmarem que havia uma “[...] forte tendência denominativa hieronímica”, regida pela toponímia ibérica, revelada pela hegemonia católica. Em Livramento de Nossa Senhora, esse costume foi seguido por conta da devoção e crença da salvação e libertação atreladas à santa cujo nome deu origem ao topônimo. Assim, relatam Guimarães e Santos:

Então, esta seria a última e principal versão para explicar a invocação de uma santa, com inspiração salvadora, chamada Nossa Senhora do Livramento, confirmando-se a tese dos que asseguram que nada acontece por acaso, não importa a relação com tempo com o espaço. Em todo lugar aos que acreditam e os que não acreditam, mas em Livramento, Nossa Senhora vela por todos eles, sem distinção, como a eterna mãe de todos. E, para homenageá-la, a população dedicou-lhe um hino, escrito pelo cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, que foi arcebispo de Salvador, onde a expressão “livramento” significa libertação, resgate, não sendo, portanto, substantivo próprio e gentílico, como costuma ser entendido por muitas pessoas, pensando tratar-se da cidade (GUIMARÃES e SANTOS, 1995, p. 89).

Abaixo, expomos um hino, no qual se tecem louvores e gratidão à santa católica:

Hino à Nossa Senhora do Livramento

(Texto Original)

1. Já por séculos estais, mãe querida,

Dessa altura rogando por nós,

*Que gemendo e chorando na lida
Suplicante chamamos por vós,
Aqui da vossa cidade
Sois excelsa protetora,
Tende de nós piedade,
Mãe de Deus, corredentora.*

*2. Com Jesus, livramento e esperança,
Sois de todos que sofrem.
Transformai a tormenta em bonança,
Dai amparo e consolo aos aflitos.*

*Aqui da vossa cidade
Sois excelsa protetora,
Tende de nós piedade,
Mãe de Deus, corredentora.*

*3. Desde as serras azuis à esplanada,
Nestes férteis sertões da Bahia,
Sois a todo momento invocada,
Livramento sóis vosso,
oh Maria!*

*Aqui da vossa cidade
Sois excelsa protetora,
Tende de nós piedade,
Mãe de Deus, corredentora.*

*4. Bandeirantes cristãos ensinaram
Vosso nome, divina Senhora
Também eles nos legaram
Vosso culto por séculos a fora.*

*Aqui da vossa cidade
Sois excelsa protetora,
Tende de nós piedade,
Mãe de Deus, corredentora.*

Sendo assim, nas palavras de Guimarães e Santos (1995, p. 88):

Seja como for, nos quase 300 anos de surgimento da povoação, Nossa Senhora sempre foi símbolo de fé da população local, talvez servindo de bálsamo e estímulo para a difícil sobrevivência na região, principalmente para a legião de desassistidos que lá vieram e vivem. É bem verdade que algumas distorções tem feito frutificar comportamentos diferentes da visão de fé e de justiça que, certamente, nossa senhora gostaria de ver praticada. Um exemplo histórico disso é a indulgência ou conveniência com o que os jesuítas encaravam o tráfico de escravos negros e a manutenção dos mesmos no lugar, como em outras regiões do Brasil. Também hoje a escravidão de algum modo existe, antes indiferença com o que a miséria ainda é vista, resultante do descaso público, principalmente para com uma distribuição mais justa de renda.

Por fim, podemos salientar que nos atentar para as causas denominativas do topônimo do município estudado pôde nos auxiliar no processo de categorização e compreensão toponímica que, para além do campo semântico religioso e entidades religiosas destacadas, esses processos toponímicos evidenciaram o item lexical de natureza católica como influente vetor denominativo católico no ato denominativo da nomenclatura geográfica local. Além disso, a partir desse estudo, deixou-se evidente a particular importância da preservação da memória e identidade culturais desses povos, perpetuando nomes, fatos e eventos, oportunizando-se, à população, (re)conhecer a evolução histórica e a importância de se envolver e se revolver a múltiplos saberes, para a obtenção do conhecimento, além da preservação do patrimônio toponomástico e cultural da região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se trate de um município ainda novo, com apenas um século de emancipação política, Livramento de Nossa Senhora (nome atual da localidade) se configura com uma concentração populacional que gira em torno de 46.062. Contudo, durante nossos estudos, percebemos que não há abundância de fontes de informações sobre sua história, o que dificulta o trabalho com dados verídicos e confiáveis, levando-nos a buscar fontes orais, as quais nem sempre são falseáveis e mensuráveis. Como afirmamos ao longo da discussão, esse foi o principal fator que motivou a elaboração do estudo que gerou esta dissertação.

Os grandes desafios encontrados foram, principalmente, acerca da formação do povo, visto que muito do que se sabia foi sendo perdido durante o passar do tempo, mormente devido ao falecimento das pessoas mais idosas, aliado ao desaparecimento de algumas fontes de informação importantes. Desse modo, com esse trabalho, esperamos enriquecer o acervo histórico do Município, no que tange a informações sobre o topônimo, assim como da própria constituição do local.

Salientamos que, ao decorrer dos nossos estudos, pudemos contar com o apoio e boa vontade por parte de equipes educacionais do Poder Público, bem como de artistas e moradores autônomos, os quais nos ajudaram a almejar nosso anseio, isto é, enriquecer e agregar à história do topônimo.

Estudar o território, descobrir e apreciar conhecimentos, a partir de vivências, experiências e experimentos nos foi salutar e de extrema relevância, seja enquanto habitantes da cidade em análise seja enquanto pesquisadores da linguagem e educadores, visto que isso nos impulsiona a (re)pensar nossas raízes e daqueles que vieram antes de nós.

Entre as informações relevantes que pudemos veicular é que o topônimo desse local nasceu em uma “era do ouro”, por assim dizer, visto que, foi nesse momento que os núcleos populacionais eram originados em regiões próximas às nascentes de rios, época em que o maior objetivo era o desbravamento dos territórios brasileiros, ação fomentada pelo desejo de extração de inúmeras riquezas e, entre elas, estava o ouro e vários outros metais e pedras preciosos.

Ressaltamos, ainda, que a religiosidade sempre esteve bastante atrelada à história dos locais (o que ocorreu devido à imposição/promulgação da religião dos colonizadores), uma vez que, próximo a esses rios, eram erguidas capelas que prestavam louvores ao Deus cristão, a partir da veneração de algum(a) santo(a) adotado(a) como padroeiro(a).

No caso de “Livramento”, a padroeira, em dado momento, passou a ser Nossa Senhora

(santa católica que representa a mãe de Jesus Cristo), dando origem à denominação “Livramento de Nossa Senhora”, ao topônimo em que o nome da Santa, invocada nessas terras tão distantes, onde a água cai majestosamente, formando cachoeiras que formam “praias de pedras” de água doce, denominadas “lajedos”. Essas águas caem em rios importantes, em lagoas e riachos, os quais entram nos canais e irrigam as lavouras, responsáveis pelo sustento do povo local e regional.

A história do topônimo “Livramento de Nossa Senhora” traz consigo uma valorização das tradições seculares da sua população, elementos importantes para se manter despertado, nos seus munícipes, o desejo pela preservação da identidade e consciência de pertencimento, além de se trazerem conhecimentos sobre a linguagem e sobre o acervo cultural e religioso.

Para complementar, encerramos enfatizando que o conhecimento nos humaniza, tornando-nos seres críticos e auxiliando-nos a reconhecer a singularidade que, na sua essência, é tão relevante quanto à pluralidade e diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

- ABADE, C. M. de S. **ATOBAH**: proposta de elaboração do atlas toponímico da Bahia. *Caletroscópio*. v. 4, n. Especial, 2016. II DIVERMINAS, p. 576-588.
- ANDRADE, K. S. **Atlas toponímicos de origem indígena do Estado do Tocantins: ATITO**. Goiânia-GO: Es. PUC Goiás, 2010.
- ANTUNES, A. M.; CARVALHINHOS, P. de J. Toponímia brasileira. Origens históricas. In: **XI Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. 2007, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF - Livro dos Minicursos. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2007, vol. XI. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xi_cnlf/. Acesso em: 31 de mar. de 2022.
- ASSIS, H. V. R. M. de. **Topônimos no Sul da Bahia**: nominações dos municípios originados da capitania de São Jorge dos Ilhéus (1950 a 1960). Harmensz V. R. M. de A. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.
- BIDERMAN, M. T. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M.; ISQUERDO, A. **As ciências do léxico**. Campo Grande: UFMS, 1998.
- CALVET, L. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. trad.de Marcos Marcio Nilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.
- DICK, M. V. P. A. **Toponímia e antroponímia no Brasil** - coletânea de estudos. São Paulo, Serviços de Artes Gráfica, FFLCH, USP, 1986.
- DICK, M. V. P. A. Fundamentos Teóricos da Toponímia. Estudo de caso: o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. (org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/ UFMG, 2006. p. 91-117.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cad Pesqui.* 2002;(115):139-54. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>
- FERNANDES, C. **"Língua-geral no contexto do Brasil Colonial"**. Brasil Escola. Disponível em: /historiab/lingua-geral-no-contexto-brasil-colonial.htm. Acesso em 18 de fev. de 2022.
- FERRAREZ, J. R. C. **Semântica para a educação básica**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009a.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre Artmed, 2009b.
- FREIRE, F. **História Territorial do Brasil**. Edição fac-similar. Salvador, Secretaria da Cultura e Turismo, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.1998[1906].
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. Adm. Empres.** São Paulo, 1995.
- SQUERDO, A. N. **A Toponímia: uma forma de representação da realidade**. **Estudos Lingüísticos XXIV** Anais de Seminário do GEL. 104-110, 1995
- MARCUSCHI, L. A. C. O léxico: lista, rede ou cognição social?. In: Lígia Negri; Maria José Foltran; Roberta Pires de Oliveira. (org.). **Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari**. 01 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 263-284.
- MARINHO, R. S.; LESSA, E. G. **Livramento é de nossa senhora**. Primeira Edição. Gráfica da Bahia. São Paulo. 1996.
- MEADA, R. M. A. A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas. São Paulo. **Tese de doutorado**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2006, 276 p.
- MORESI, E. (org.). **Metodologia da Pesquisa. 2003. 108 f. Trabalho Científico** (Especialização em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação) Universidade Católica de Brasília, 2003. Disponível em: http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/Metodologia_Pesquisa-Moresi2003.pdf. Acesso em: 02 fev. de 2022.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005a.
- MORIN, E. **O método 4: as ideias**. 4ª ed. Porto Alegre, Salinas, 2005b.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de. As ciências do léxico. In: _____. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande- MS: Ed. UFMS, 1998.
- PRATES, M. A. do L. S. N. *et. al.* **Atuação do Estado em Livramento de Nossa Senhora/BA: Reestruturação ou Distribuição das formas de irrigação?** 1ª versão, 1995.
- SALAZAR-QUIJADA, A. **La toponímia em Venezuela**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1985.
- SAPIR, E. Língua e ambiente. In: _____. **A linguística como ciências: ensaios**, Tradução: CÂMARA Jr., J. M. Rio de Janeiro, Acadêmica, pp. 43-62.
- SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEABRA, M. C. T.; Costa de; SANTOS, M. M. D. dos. Toponímia de Minas Gerais em registros cartográficos históricos. In: Aparecida, N. I.; SEABRA, M. C. T. C. de. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. vol. VI. 1ª ed. Campo Grande, UFMS, 2012.

SECET; SEMEAS. **Mapeamento das Expressões Culturais do município de Livramento de Nossa Senhora-Ba.** jun. de 2006.

Revista Univap – revista.univap.br São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014. ISSN 2237-1753

SOUZA, A. M. de. O estado atual. **Revista Philologes**. Rio de Janeiro-RJ, ano 18, n. 54, 2012, pp. 600-611.

SUA PESQUISA. **Geografia do Brasil**. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/geografia/regiao_nordeste.htm. Acesso em: 08 de nov. de 2021.

TAYLOR, F. W. (trad. Arlindo Vieira Ramos). **Princípios de Administração Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1990

VÁRZEAS. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/varzeas/>. Acesso em: 30/06/2022.

VEREDAS. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/veredas/>. Acesso em: 30/06/2022.

VIANNA, U. **Bandeiras e Sertanistas Bahianos**. Biblioteca Pedagógica Brasileira. vol. XLVIII. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1935.

WEINREICH. U.; LABOV. W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo, Parábola, 2006[1968].

ANEXO ÚNICO

(Imagens da cidade de Livramento de Nossa Senhora, em ocasião da festa em louvor a padroeira da cidade, comemorada dia 15 de agosto)



